



A difícil cooperação internacional

GIDEON RACHMAN

Catarina Bessli



OS ESFORÇOS para resgatar a economia mundial neste ano serão prejudicados por um paradoxo político perigoso. Quanto mais necessária for a cooperação internacional, mais difícil será obtê-la.

O ano começa com um mundo ainda sob a sombra da ameaça da maior crise econômica pós-1945. Mas, à medida que a posição econômica se deteriora, as ações requeridas dos líderes nacionais se tornam cada vez mais drásticas e mais difíceis de defender perante o público interno: participar de grandes resgates a países indigentes, subsidiar bancos e executivos financeiros impopulares, trabalhar pacientemente com países vistos por boa parte do eleitorado de uma nação como falidos ou desonestos.

Neste ano, os líderes mais importantes do planeta serão instados a fazer tudo isso — e encontrarão dificuldade ainda maior para obter resultados. As condições de recessão, instabilidade e pânico que exigem cooperação internacional também tornam os eleitorados mais irados e menos generosos.

As pressões políticas produzidas por uma crise econômica internacional impediram que a União Europeia enfrentasse de maneira efetiva os problemas de dívida da Europa. Ao longo do ano, é provável que o problema se agrave porque muitos países importantes realizarão eleições ou mudanças de liderança que podem tornar difícil para eles dedicar grande energia a esforços diplomáticos. Haverá eleições presidenciais nos EUA, na

França e na Rússia — e a liderança chinesa também será substituída antes do final do ano.

Mas as maiores demandas serão feitas a um país no qual não haverá eleições. Como em 2011, o mundo pedirá que a Alemanha forneça o dinheiro e a liderança intelectual necessários para tirar a zona do euro da beira do abismo.

No entanto, a Alemanha reluta seriamente em abrir o talão de cheques mais uma vez. Em vez disso, vem dedicando sua energia à criação de um tratado europeu que imponha limites draconianos aos déficits — uma política que é irrelevante

Neste ano será difícil que os grandes líderes encontrem soluções para os problemas econômicos mundiais

para a crise da dívida no curto prazo e que pode ser contraproducente no longo prazo. O comportamento da Alemanha só é explicável se levamos em conta o contexto de sua política interna. As políticas adotadas pela chanceler Angela Merkel são ditadas pelo desejo popular de que a Alemanha não financie novos resgates na Europa.

Se observarmos a situação em to-

do mundo, encontraremos a mesma atitude da parte dos demais líderes. O principal parceiro da Alemanha na Europa nos próximos meses será a França, que estará ocupada com a eleição presidencial.

Nicolas Sarkozy tentará levar quaisquer mudanças impostas pela crise para depois do segundo turno da eleição, marcado para 6 de maio, e ao mesmo tempo se proteger de acusações da esquerda e da extrema direita no sentido de que exagerou e cedeu soberania demais diante da impaciência alemã.

E quanto aos EUA? No que tange às agonias da zona do euro, os nor-

te-americanos ficarão mais que satisfeitos em serem dispensados de colaborar. Qualquer discussão de assistência internacional será reprovada em ano eleitoral. O desejo de Barack Obama é que os europeus resolvam seus problemas e evitem lançar o mundo em uma nova recessão antes de os norte-americanos irem às urnas em novembro.

Com a introspecção dos EUA, haverá quem pense na China como fonte de dinheiro e liderança. Isso começou a acontecer de modo visível em 2011, quando autoridades da União Europeia viajaram a Pequim em um esforço humilhante e mal sucedido de despertar o interesse da China em adquirir montantes maiores de títulos de dívida europeus.

Mas a liderança do Partido Comunista chinês também dedicará boa parte do ano a uma disputa de cargos. A tendência chinesa a dar prioridade aos assuntos internos se verá acentuada por um crescente nervosismo quanto à instabilidade política e econômica no país. Isso pode significar que a China tenha pouca energia para dedicar a esquemas elaborados de cooperação internacional.

Neste ano, podemos esperar que a política nos entretenha com o espetáculo de suas eleições, mas não que ofereça soluções para os problemas mundiais.

GIDEON RACHMAN é colunista de política internacional da "Financial Times". Tradução de PAULO MIGLIACCI.

AMANHÃ EM MERCADO: Maria Inês Dolci

Jovem quer curso para empreender, diz pesquisa

Universidade não atende demanda, segundo pesquisa internacional

Faculdades de administração formam executivos, mas não ensinam estudantes a gerir negócio próprio

MARIANA BARBOSA DE SÃO PAULO

A galeria de empresários de sucesso que nunca frequentaram ou abandonaram a universidade no meio do curso é extensa: Steve Jobs, Bill Gates, Mark Zuckerberg, para ficar nos mais famosos. Mas será que estudantes com espírito empreendedor não gostam de estudar ou são os cursos que não atendem a demanda?

Um estudo internacional chamado "Projeto de educação empresarial", comandado por professores das universidades dos Estados de Illinois e Wisconsin, nos EUA, mostra que o empreendedorismo já é considerado uma carreira importante a ser seguida, mas que as universidades não estão atentas a essa demanda.

"Os cursos de administração formam executivos. Não lidam com problemas enfrentados por empresas incipientes", diz o professor Marcos Hashimoto, do centro de empreendedorismo do Insper.

O estudo ouviu professores de 80 universidades em 40 países. No Brasil, foram entrevistados professores de

16 universidades, além de 604 estudantes, entre abril e agosto do ano passado.

De acordo com Amisha Miller, gerente de pesquisa da Endeavor, entidade responsável pelo estudo no Brasil, o país se destaca por ter uma boa oferta de cursos de empreendedorismo, mas as disciplinas pecam por serem muito teóricas.

"Os cursos dão muita ênfase à criatividade e à inovação, mas não ensinam como transformar isso em produtos", diz Amisha. Faltam às universidades brasileiras, diz ela, um contato com o mundo real, com visitas a empresas ou palestras e bate-papos com empreendedores.

Um quesito no qual o Brasil se destaca é o de competências de planos de negócios: 75% das instituições pesquisadas no Brasil oferecem algum tipo de competição, contra 58% lá fora.

A importância dos cursos de empreendedorismo foi apontada por aqueles que disseram ter interesse em empreender. E aqueles que cursam ou cursaram disciplinas de empreendedorismo se dizem mais confiantes para montar o próprio negócio.

"Há muita coisa a aprender para evitar erros básicos", diz Diego Ucha, 24 anos, formado em ciência da computação e que cursou empreendedorismo no Senac antes de lançar sua empresa digital.

"Existe uma linguagem particular que é preciso dominar para montar um plano de negócios e vender o peixe para um investidor", diz.



Empreendedor Diego Ucha, formado em ciência da computação, que estudou no Senac antes de abrir sua empresa

NA ACADEMIA

O que pensam os estudantes e como é o ensino de empreendedorismo nas universidades

52,8% veem o empreendedorismo com bons olhos

66% possuem ou gostariam de ter sua própria empresa

31% se preparam lendo livros e se informando sobre negócios

AUTO CONFIANÇA

Quanto se sentem confiantes para, por exemplo, estimar quanto dinheiro precisarão para iniciar um negócio?

Entre os que tiveram aulas 50,8%

Entre os que não tiveram 40,7%

Fonte: Endeavor



UNIVERSIDADE

Como é a educação para o empreendedor nas universidades do Brasil e nas de outros 39 países

■ No mundo
■ No Brasil

Valores em %

1 Universidades que promovem regularmente palestras com empreendedores

6,3 71,4

2 Universidades que promovem visitas a empresas

37 18,8

3 Universidades que promovem competições de planos de negócio

58 75

4 Universidades que oferecem curso prático de criação de novos negócios

41 30

Negócio próprio faz parte do 'sonho brasileiro'

DE SÃO PAULO

A pesquisa "Projeto de educação empresarial" revelou um grande interesse por parte dos estudantes brasileiros pelo empreendedorismo. A maioria (52,8%) dos entrevistados vê o empreendedorismo com bons olhos, enquanto 48,2% considera efetivamente a atividade como uma carreira a ser seguida.

Os números corroboram uma pesquisa realizada no início do ano pelo DataFolha, em parceria com a consultoria Box1824.

Chamada Projeto Sonho Brasileiro, a pesquisa revelou que a carreira mais popular apontada pelos jovens é "montar o próprio negócio" — com 4% da preferência.

Todas as demais profissões eleitas não tiveram mais de 2% das citações. Médico, engenheiro e advogado, por exemplo, foram citados por 2% cada. E funcionário público, músico, psicólogo e jogador de futebol foram apontados por 1%.

A pesquisa ouviu 1.784 jovens de 18 a 24 anos, em 173 cidades de 23 Estados do Brasil, das classes A a E.

"Todo estudante deveria ter acesso a um curso básico de como gerir negócios", diz Anisha Miller, da Endeavor. "O arquiteto que vai montar um escritório precisa saber o que é fluxo de caixa." (M.B.)

